

A Internet e a Democratização da Informação – proposta para um estudo de caso¹

Juliana Lúcia Escobar²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) - Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação / Linha: Novas Tecnologias

Resumo

O presente artigo apresenta uma proposta de pesquisa que pretende investigar as maneiras pelas quais um veículo online pode contribuir para a democratização da informação e a efetivação da interatividade "prometida" pelas novas tecnologias de comunicação e informação, em especial pela web. Delineiam-se as bases teóricas iniciais para o desenvolvimento de tal pesquisa, delimitando-se definições básicas que serão adotadas no decorrer do trabalho, como o conceito de democracia. Faz-se ainda algumas considerações introdutórias sobre a Internet como veículo de comunicação de massa – e uma breve apresentação do objeto que servirá para o estudo de caso nos momentos seguintes da pesquisa, o portal *Comunique-se*.

Palavras-chave

Internet; Interatividade; Democratização; Emissão; Recepção.

1. Introdução

Vivemos em um regime democrático que tem entre seus princípios básicos a garantia dos direitos de opinião, de expressão das próprias opiniões e de acesso às informações. Pode-se afirmar que os meios de comunicação exercem um papel fundamental para a existência, manutenção e exercício de tais direitos. Este artigo propõe uma investigação da contribuição da Internet, como mídia, para a democratização do processo comunicativo, especificamente em seus procedimentos elementares: a produção e a recepção das informações.

Com o surgimento da Internet o sistema de comunicação viu surgir uma nova mídia que, entre outras transformações, não só criou um novo sentido para a palavra *feedback* como o ultrapassou, inserindo na relação emissor-receptor o conceito de interação. Interagir, agir junto demanda mais do que obter respostas dos receptores. Foi preciso, então, encontrar uma forma de fazê-los participar do processo de produção das mensagens.

¹ Trabalho apresentado ao NP 08 - Tecnologias da Informação e da Comunicação do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

Enquanto na Internet surgiam as primeiras formas de pôr em prática a propalada interatividade que o suporte, em tese, permitia, veículos tradicionais, sobretudo a TV, procuravam meios de inserir tal elemento em sua relação com o público. No sentido de fazê-lo tomar parte no processo de produção pode-se considerar que a experiência mais marcante da TV brasileira foi o programa *Você Decide* no qual o público era instigado a escolher, através de votação por telefone, entre dois ou três finais alternativos para uma história fictícia.

Neste artigo, considera-se o fato de que a democracia não se limita ao ato de votar - ao contrário do que defendem autores como William Riker e outros, seguidores da corrente denominada por Luiz Felipe Miguel de democratas limitados - que têm como base o pensamento de Joseph Schumpeter, sobretudo os conceitos presentes em seu livro “Capitalismo, Socialismo e Democracia” (MIGUEL, 2000). Assim, pode-se afirmar que a simples presença deste elemento na interação televisiva não seria suficiente para classificá-la como uma atividade democrática ou que ao menos permitisse um real exercício de democracia. Era preciso haver discussão, como acreditam os democratas deliberativos - também segundo a classificação de Luis Felipe Miguel. A prática da democracia é a melhor forma de se aprender a viver num regime democrático. Mas participar não se limita a ter e exercer o direito ao voto. A expressão de opiniões e a discussão são essenciais para o exercício do aprendizado democrático. A interatividade na TV manteria a idéia, para nós, equivocada de que para participar basta votar.

Este artigo centra-se na constatação de que a interatividade nos meios de comunicação evoluiu, sobretudo no veículo interativo por excelência, a Internet, deixando de restringir-se a votações. Na *web* uma das primeiras formas de interação ainda presente em muitos sites, e que possui uma interface forte com o que consideramos um dos princípios da democracia - os direitos fundamentais de liberdade de opinião, de expressão das próprias opiniões, de reunião, de associação, etc. (BOBBIO, 1989) é o fórum. E depois dele outros mecanismos comunicacionais vieram e se firmaram, tais como as listas de discussão e, mais recentemente, os diários virtuais - *blogs*.

Tendo em vista o conceito de democracia apresentado por Noberto Bobbio em sua obra “O Futuro da Democracia - uma defesa das regras do jogo”, segundo o qual um processo democrático pressupõe um grau elevado de participação do maior número possível de pessoas em determinado processo, nos propusemos a investigar se a Internet, como mídia, contribuiu para a democratização dos principais processos de comunicação: a produção e a recepção de

² Mestranda em Comunicação pela UERJ, Graduada em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação Social da UFJF, bolsista da CAPES como integrante do Programa Especial de Treinamento (PET) da Facom/UFJF.

informações. E, a partir desta questão inicial várias outras questões se colocam: se a Internet contribui para a democratização da informação, como o faz? Que mecanismos possui que permitem esta democratização? Tais mecanismos de fato vêm sendo utilizados? De forma adequada? E - a pergunta crucial, uma vez que democratizar significa dar acesso, numa situação ideal, a todos - quem está tendo acesso a tais mecanismos, quem de fato os está utilizando e para que fins?

Do ponto de vista da produção das informações tem-se a hipótese de que a Internet possibilitou uma maior democratização uma vez que permitiu a muitos indivíduos passarem de um pólo - receptor - ao outro - emissor - do processo comunicativo, expandindo assim as possibilidades de se colocar em prática alguns dos princípios básicos da democracia na definição que se adota neste artigo: o direito à opinião e à livre expressão de opiniões.

Já do ponto de vista da recepção, tem-se a hipótese de que a Internet, ao contrário do que poderia se esperar, não contribuiu para a democratização da informação por se apresentar como uma alternativa economicamente mais onerosa do que os demais veículos (rádio, TV e jornal), além de demandar o conhecimento de uma nova tecnologia de informação cujo aprendizado ainda não foi disseminado em larga escala no Brasil.

A metodologia utilizada para o estudo consistir-se-á na consulta bibliográfica, na observação e análise de modelos comunicacionais que utilizem a Internet como suporte e em entrevistas com os sujeitos criadores e mantenedores de tais modelos, assim como com seus usuários.

2. Interatividade como Forma de Participação

O fato de possibilitar a divulgação de informações e conhecimento para um grande número de pessoas, que se encontram dispersas geograficamente, permite-nos considerar que, ao menos do ponto de vista da recepção, a Internet é, potencialmente, um meio de comunicação de massa. Embora não seja o foco da nossa discussão atual, é preciso lembrar que, do ponto de vista da emissão de mensagens, além da interatividade, a Internet inseriu uma grande novidade: a pluralização das emissões, aspecto importante, que a diferencia dos veículos tradicionais, levando mesmo a questionamentos quanto ao seu status de meio de comunicação de massa.

Assim como ocorreu com a televisão, o rádio e o jornal impresso no momento em que surgiram, ao integrar o universo midiático, a Internet apresentou, por sua natureza tecnológica, novas possibilidades tanto no que diz respeito à linguagem jornalística quanto ao

relacionamento entre emissor e receptor. Pode-se dizer que a mais propalada dentre as novidades inseridas por esta nova mídia foi a interatividade, que pode ser definida como a capacidade de possibilitar uma participação maior do público no processo comunicacional, abrindo-lhe um leque de escolhas maior do que qualquer outra das mídias até então estabelecidas.

A busca da tão alardeada interatividade despertou o interesse das outras mídias que passaram a procurar maneiras de demonstrar que também podiam oferecer maior interação com seu público. E o que muito se viu foi o surgimento de modismos, alguns em uso ainda hoje, como o costume de explicitar, na seção de cartas de jornais, por exemplo, que determinada correspondência foi enviada por e-mail - como se fizesse diferença para o conteúdo da mensagem o fato da carta ter sido remetida pelo correio, por fax ou correio eletrônico. Simultaneamente observou-se na Internet a proliferação de sites de novos veículos, além, claro, do surgimento de versões online para jornais, revistas, TVs e rádios já existentes.

E então, fenômeno já observado anteriormente, o “novo membro”, foi sendo integrado ao sistema dos meios de comunicação de massa como um auxiliar e não apenas como concorrente. Após experimentalismos iniciais, ao perceber-se a Internet como um novo suporte e que, portanto, exigia uma nova linguagem além da adequação daquelas tradicionais, foi possível encontrar usos mais adequados para o que passou a ser conhecido como *webjornalismo* ou jornalismo online. Assim, passado um primeiro momento no qual o que mais se via era uma proliferação de enquetes e fóruns - elementos ainda presentes nos veículos online - começaram a aparecer novos mecanismos de interatividade que lançavam mão, principalmente, do sistema de correio eletrônico (e-mail) e da *world wide web* ou simplesmente *web*, as faces mais conhecidas da Internet. As listas de discussão são um exemplo de mecanismo interativo e que têm como característica nova e altamente democrática o fato de poderem ser criadas e mantidas por qualquer pessoa ou grupo, constituindo-se como um meio de comunicação totalmente independente dos produtores oficiais de mensagens (jornalistas e empresas de comunicação). Outro mecanismo que surgiu e pode ser considerado como uma evolução dos fóruns, este mesmo já uma ferramenta com alto grau de interação, foi o sistema de comentário, que pode ser considerado como uma evolução da seção de cartas dos leitores uma vez que permite a publicação imediata dos comentários dos receptores e logo em seguida ao texto, tornando-os parte do conteúdo original. E mais recentemente assistiu-se ao surgimento dos diários virtuais, os *blogs*, que logo ganharam uma versão destinada à publicação de fotos, os *fotologs* ou *flogs*, domínios nos quais os conteúdos são totalmente geridos por seus donos, que têm, entre outras

possibilidades, a inclusão de colaboradores, quer seja através do sistema de comentários ou por meio de autorização para o que poderíamos chamar de co-autoria. O sistema de *blog* fornece ao autor total autonomia para expressar suas opiniões e são utilizados também por jornalistas, entre outros objetivos, para publicar opiniões não cabíveis nos espaços que dispõem na chamada mídia oficial ou mesmo versões vetadas por tal mídia para acontecimentos que presenciaram, como se viu na Guerra do Iraque.

Assim, pode-se considerar que a Internet, sobretudo através dos *blogs* que facilitaram extremamente os procedimentos de criação de um site, possibilita uma considerável democratização da produção de informações uma vez que torna possível, a qualquer cidadão comum, explicitar suas opiniões dispondo dos mesmos recursos que uma grande corporação de comunicação - uma rede mundial de computadores - sendo capaz de atingir, potencialmente, o mesmo número de pessoas que tais corporações. Comparativamente, pode-se dizer que a Internet é muito mais democrática do que o jornal, a TV e o próprio rádio na medida em que torna menos complexo tecnicamente e menos oneroso economicamente para o indivíduo, sozinho, fazer-se presente na mídia. E este “estar presente” realiza-se de duas formas: quando o indivíduo cria um site, *blog*, *flog* ou participa de fóruns ou comunidades online na própria Internet e quando, eventualmente, através de sua inclusão na mídia digital acaba também ganhando espaço na mídia tradicional. Exemplo conhecido deste fenômeno foi o que se observou na Guerra do Iraque, quando *blogs* de anônimos tornaram-se fontes de informações para jornalistas e para veículos de comunicação em geral (RECUERO, 2003).

3. A Democracia Para Além do Universo Político

Uma relação direta entre a mídia e a política evidencia-se com a constatação de que certas liberdades que o sistema de comunicação deveria preservar, como as de conhecimento, de expressão e de pesquisa, são essenciais numa sociedade democrática. (cf. RIVERS; SCHARAMM, 1970)

Democracia pode ser entendida, segundo a teoria clássica ou aristotélica, como o governo de todos os cidadãos, em contraposição à monarquia como o governo de um só e à oligarquia como o governo de poucos. Ao nos propormos a investigar se a Internet contribuiu para a democratização da informação, estamos transportando tal conceito para o sistema de comunicação de massa. As principais questões a serem investigadas são se a Internet possibilita que um número maior de pessoas tenha acesso aos meios de produção de informações e se possibilita que informações estejam acessíveis a um público maior.

Para investigar se a Internet como mídia possibilita uma maior democratização da produção e da recepção de informações é necessário parâmetros, ou seja, ela democratiza mais em comparação a quê? Segundo alguns conceitos expostos por Norberto Bobbio em sua obra "O futuro da democracia - uma defesa das regras do jogo", que aqui, mais uma vez, transportamos do universo da ciência política para o da comunicação, supomos que a Internet, do ponto de vista da produção de informações promova a democratização, por exemplo, ao facilitar o acesso aos mecanismos produtivos e ao diminuir seus custos, além de inserir conceitos que alteram a relação do emissor com o suporte. A Internet torna possível aos indivíduos, por exemplo, diminuir a quantidade daquilo que Bobbio chamou de "corpos intermediários". No sistema de comunicação de massa eles seriam os profissionais responsáveis por obter as informações e formatá-las através de edições, muitas das vezes, descaracterizando-as. Seriam os repórteres, editores, programadores, etc. A Internet dispensa alguns destes intermediários no momento em que disponibiliza aos indivíduos meios para emitir suas mensagens por si sós, organizando eles mesmos as informações em um site, sem que estas sejam colhidas, editadas e emitidas por terceiros, o que acontece com qualquer informação fornecida pelas pessoas a programas televisivos, radiofônicos ou a veículos impressos. A liberdade de expressão, que é o direito de transmitir livremente qualquer informação e emitir publicamente suas opiniões, é um direito de todo o povo mas que institucionalizou-se nos veículos de massa. (RIVERS; SCHARAMM, 1970).

A Internet representa, no ponto de vista da emissão de mensagens, um contrapeso a esta institucionalização ao possibilitar a eliminação de alguns corpos intermediários no processo comunicativo. Ela faz do indivíduo emissor e, ao mesmo tempo, também produtor da mensagem, ou seja, o responsável pela sua formatação, pelas escolhas que vão definir a maneira como ela será recebida pelo receptor. Através da Internet, em alguns casos, tudo o que se coloca entre o emissor e o receptor é o meio físico (o computador) e os recursos técnicos (software), imprescindíveis ainda em qualquer comunicação indireta.

Já ponto de vista da recepção, pode-se considerar que os corpos intermediários permanecem já que, em meio à enorme quantidade de informação disponibilizada na web, o receptor vê-se muitas vezes perdido, sem saber qual delas consumir e, principalmente, em qual delas confiar.

Neste cenário ganham cada vez mais destaque os agentes técnicos como buscadores, as versões online de veículos tradicionais - O Globo, Folha de S. Paulo, Estadão - e grandes portais já consolidados, que atingiram alto grau de credibilidade, como UOL, Terra e iG. Acredita-se que possam ainda ser incluídos portais e sites especificamente voltados para os

jornalistas, tais como *Comunique-se* e *Observatório da Imprensa* e os organizadores avalizados do conhecimento (ALDÉ, 2005), como os jornalistas. Estes, principalmente através de um fenômeno que no Brasil é mais recente, embora nos EUA já tenha uma vida mais longa: os *blogs* de jornalistas.

Com a utilização de alguns mecanismos, como fóruns, comentários, listas de discussão e *blogs*, por exemplo, a Internet se apresenta como um meio de produção diferente daqueles que, segundo Lúcia Santaella, estão sob o poder político de uma minoria economicamente privilegiada, sendo suas mensagens produzidas por poucos para serem recebidas por uma massa de consumidores que não participa das decisões acerca desses meios, assim como não participa da escolha das mensagens que lhes são dirigidas. (SANTAELLA, 1992, p.29).

A Internet representa uma tendência oposta à da centralização dos meios de produção de informação nas mãos de grandes grupos de comunicação. Contribui para a pluralização da produção de informações dando, potencialmente, a grupos menores e a indivíduos isolados as mesmas condições técnicas de produzir mensagens e atingir o mesmo público potencial. Para Bobbio, o fato de a sociedade ter-se tornado mais complexa gerou, entre outras coisas, o que chama de governo dos técnicos, um dos fatores que contribuíram para que a democracia não se concretizasse da forma como foi idealizada. Em nossa analogia com o sistema de comunicação de massas, podemos considerar que a Internet, de certa forma, acaba com este governo já que tornou muito mais simples produzir conteúdo e colocá-lo à disposição de milhões de pessoas, principalmente através dos *blogs*. Para disseminar sua mensagem utilizando a Internet como suporte é perfeitamente possível prescindir de um técnico. E, embora seja muito mais fácil que a informação produzida por um anônimo se perca no emaranhado de dados disponibilizados diariamente na rede, ao chegar ao alcance de divulgadores especializados, como os próprios jornalistas, acaba, por meio destes, atingindo ao menos parte do público que possa se interessar por tal assunto.

Na linha dos teóricos da democracia desenvolvimentista, que defendem a participação política como forma de aprimoramento do cidadão (MIGUEL, 2000) Bobbio considera ainda, que a discussão quanto ao sistema democrático não mais deveria ser feita considerando sua extensão da forma representativa para a direta (já conquistamos o sufrágio universal), mas sim na passagem da democracia política para a democracia social; seria questionarmos sobre "Onde se vota?" e não apenas sobre "Quem vota?". Fazendo uma analogia, poder-se-ia perguntar não só "Quem fala?", mas "Onde fala?". Tendo como universo o sistema dos meios de comunicação formado por seus diferentes suportes (Internet, TV, rádio, veículos impressos) pode-se responder que um número muito maior de agentes sociais e mesmos

indivíduos conseguem falar, no sentido de transmitir suas mensagens, na Internet do que nos outros meios.

Abrindo espaço para que o indivíduo participe do processo de produção de informações, a Internet contribui para sua educação para a democracia. O único modo de fazer com que o indivíduo se torne cidadão é fornecer-lhe meios para que ele exerça seus direitos de cidadania ativa. É o que Bobbio chama de educação para a cidadania. Ela faria com que o próprio exercício da prática democrática ensinasse o indivíduo a conviver com a democracia.

Do ponto de vista da recepção, retomemos a analogia com o sistema político. Segundo Bobbio,

No que diz respeito aos sujeitos chamados a tomar (ou colaborar para a tomada de) decisões coletivas, um regime democrático caracteriza-se por atribuir este poder (que estando autorizado pela lei fundamental torna-se um direito) a um número muito elevado de membros do grupo. ... é impossível dizer "todos" porque mesmo no mais perfeito regime democrático não votam os indivíduos que não atingiram uma certa idade. (BOBBIO, 1989, p.19).

Pode-se considerar então que um meio de comunicação é mais democrático quanto mais for acessível a um número maior de pessoas. Com isto, pode-se afirmar que, do ponto de vista da recepção a Internet ainda é menos democrática do que o rádio e a TV, por exemplo, que por seus custos e exigências de manipulação, são mais acessíveis a uma parcela maior da população.

Ultrapassando o nível do acesso puro e simples ao meio, propomos uma discussão da relação entre o receptor e este meio, sua interação com as mensagens, sua participação na elaboração das mesmas. A Internet mais uma vez se mostra mais democrática na medida em que fornece meios técnicos (comentários, fóruns, enquetes, etc.) para que as pessoas interfiram. É preciso considerar-se, nesta análise, que a linguagem do meio é totalmente dependente das características físicas que ele apresenta como suporte. Se do lado da recepção são percebidas alterações e novidades é porque, no extremo oposto, na emissão, há técnicas que permitem-nas. A interatividade permitida pelo computador pode até ser considerada como maior em relação à possibilitada pelos programas televisivos. Mas, é preciso ter em vista que a estrutura da Internet foi montada para ser alimentada por seus usuários. A rede existirá e crescerá somente enquanto houver usuários para alimentá-la constantemente de informações e dados.

4. Uma Mídia Mais Democrática

A existência de uma imprensa livre, pluralista e independente pode ser considerada condição primordial para a existência e manutenção de um regime político democrático. Acreditamos que a democracia deva ser um aprendizado constante, presente no dia-a-dia de todos os indivíduos e não apenas na esfera política, seu *habitat* por excelência. Para praticarmos a democracia em uma escala macro-social, aceitando, entendendo e integrando um governo democrático, acreditamos que seja necessário, antes, vivenciá-la na escala micro-social, a que envolve nossas relações diárias nos núcleos familiar, escolar e do trabalho, por exemplo. Uma vez que jornais, revistas, rádios e TVs integram a rotina da grande maioria das pessoas e, mais recentemente veículos online começaram a estar presente no dia-a-dia de parte delas, pode-se afirmar que a relação dos indivíduos com os meios de comunicação está incluída nesta escala micro-social.

Sendo a existência da mídia nas condições acima citadas uma premissa importante para a consolidação da democracia e estando ela presente na vida diária dos indivíduos de maneira tão forte, é pertinente questionar se os meios de comunicação de massa contribuem para o aprendizado democrático da forma mais eficaz que se pode supor: sendo eles mesmos mais democráticos.

Assim, a questão colocada em nossa proposta de pesquisa, qual seja "a Internet contribui para a democratização dos procedimentos de produção e recepção de informações?" justifica-se ao passo propõe uma investigação sobre qual seria a real contribuição deste novo suporte midiático para a consolidação e o aprendizado diário da democracia, na escala micro-social.

O interesse em estudar tal aspecto surgiu da hipótese de que as novidades inseridas na relação emissor-receptor pela Internet causaram mudanças significativas no esquema primário da comunicação (quem fala / o que fala / como fala / para quem fala). A questão da democratização nos meios de comunicação de massa neste artigo diz respeito mais ao *quem fala* uma vez que, com o surgimento e predomínio de grandes conglomerados de mídia, o que se assistiu até o surgimento da Internet foi a uma concentração dos meios de produção de informação nas mãos de poucos. Com a Internet o indivíduo, antes relegado apenas ao papel de receptor, muitas vezes passivo, pôde tornar-se também emissor, de forma muito menos complexa tecnicamente e onerosa financeiramente do que poderia fazê-lo caso desejasse utilizar como suportes o rádio, a TV ou veículos impressos.

Todo novo veículo, jornalístico ou não, a partir do momento em que circula, apresenta novidades e traz alterações. A Internet não só incorporou o conceito de *feedback* já presente nos veículos anteriores como o ultrapassou, colocando em circulação o termo interatividade. A interação, o agir junto, passou então a ser buscado pelos veículos que utilizavam outros

suportes, mas nenhum deles foi capaz de oferecer possibilidades tão concretas como o computador através da Internet. O que se pretende é descobrir até que ponto o agir junto inaugurado por esta nova mídia representa uma disseminação dos mecanismos de produção e recepção de informações, ou seja, até que ponto provocou uma real democratização no processo comunicacional.

Uma das hipóteses que temos é a de que a Internet possibilitou uma sensível democratização do ponto de vista da produção de informações. Esta mídia tornou possível a qualquer indivíduo com acesso às tecnologias de inteligência necessárias (software, um computador e conexão à rede mundial) publicar um site. Pode-se considerar que o processo de produção de conteúdos para a Internet é menos complexo e oneroso do que em outras mídias, entre outros fatores, pelo fato de poder ser feito por uma única pessoa. Assim, muitos indivíduos puderam deixar de ser apenas receptores e passaram a ser também emissores no desenvolvimento do processo comunicativo, tendo, potencialmente, as mesmas condições para divulgar suas idéias que as grandes redes e corporações de comunicação.

Já do ponto de vista da recepção, tem-se a hipótese de que a Internet, ao contrário do que poderia se esperar, não contribuiu para a democratização da informação por se apresentar como uma alternativa economicamente mais onerosa do que os demais veículos (rádio, TV e jornal), além de demandar o conhecimento de uma nova tecnologia de informação cujo aprendizado ainda não foi disseminado em larga escala no Brasil. O papel, além da versatilidade e do baixo custo, dispensa a mediação de qualquer engenho mecânico ou eletrônico para ser lido. Para obter informações através da TV e do rádio sequer é necessário ser alfabetizado. A Internet, por sua vez, além da capacidade de ler, exige do receptor conhecimentos que vão além de ligar e desligar o aparelho e apertar ou girar botões para mudar de canal ou de estação. Devemos considerar que sempre haverá uma faixa de população pobre e até miserável à qual dificilmente será possível o acesso a este suporte - que pode ser considerado relativamente caro - e aos conhecimentos necessários para manuseá-lo.

5. Próximas Considerações

Esse artigo dá início uma pesquisa que tem como objeto de estudo o portal *Comunique-se* (www.comunique-se.com.br). Nossa proposta é investigar se o modelo configurado por este portal torna efetiva a interatividade potencialmente realizável entre produtores e receptores de informações divulgadas via web. A partir do estudo deste modelo, que acreditamos ser um entre muitos possíveis, pretendemos promover uma reflexão sobre a real contribuição da

Internet, como mídia, para a democratização do processo comunicativo, especificamente em seus procedimentos elementares: a produção e a recepção das informações.

Escolhemos o *Comunique-se* como objeto de estudo por termos identificado neste portal diversos mecanismos que acreditamos contribuir para a democratização da produção de informação e para a real interação entre emissores e receptores, tais como o sistema de comentários incluídos pelos próprios leitores após alguns textos, um servidor de *blogs* onde os internautas cadastrados podem manter seus diários virtuais, serviços de disponibilização de pautas e fontes, realização de entrevistas das quais os leitores podem participar enviando perguntas, entre outros.

As próximas etapas do estudo incluem aprofundamento teórico tanto no campo das ciências políticas quanto no de novas tecnologias de comunicação, a identificação dos instrumentos e ferramentas interativos existentes e utilizados por veículos online em geral e posterior análise do site *Comunique-se* dividindo-se em duas etapas: análise quantitativa na qual vamos enumerar os instrumentos e ferramentas interativas utilizadas pelo portal; análise qualitativa – investigação sobre as formas como tais instrumentos e ferramentas são utilizados, avaliando o grau de interatividade que permitem. Com isto, pretendemos responder se o modelo utilizado pelo *Comunique-se* permite uma real democratização da produção de informações.

Para investigar se este mesmo modelo permite ainda a democratização do acesso à informação, pretendemos obter dados sobre o número de usuários e de acessos que o site possui, além de informações sobre como os indivíduos envolvidos nos processos comunicacionais estabelecidos através do site classificam tais processos, ou seja, se os percebem como sendo democráticos. Em tal etapa a metodologia utilizada será a de realização de entrevistas com idealizadores do *Comunique-se*, criadores dos mecanismos interativos que o site oferece, profissionais que atuam no portal e usuários.

6. Bibliografia

BOBBIO, Norberto. *O futuro da democracia: uma defesa das regras do jogo*. Trad. Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1989.

CANCLINI, Néstor García. *Consumidores & cidadãos: conflitos culturais da globalização*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. Tradução: Roneide V. Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

JOHNSON, Steven. *Cultura das Interface. Como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. MATTEUCCI, Nicolau, PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1992.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro da inteligência na era da informática*. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

_____. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

MIGUEL, Luis Felipe. *Um ponto cego nas teorias da democracia: os meios de comunicação*. BIB. Rio de Janeiro, nº 49, 2000.

SENNETT, R. *O declínio do homem público*. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

RIVERS, William L.; SCHARAMM, Wilbur. *Responsabilidade na comunicação de massa*. Tradução de Muniz Sodré e Roberto Lent. Rio de Janeiro. R.J.: Edições Bloch, 1970.

RECUERO, Raquel da Cunha. Warblogs : os blogs, a guerra no iraque e o jornalismo onlin. Trabalho apresentado no Núcleo de Tecnologias da Informação e da Comunicação do XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte, 2003.

SANTAELLA, Lúcia. *Cultura das mídias*. São Paulo: Razão Social, 1992.